

DA POBREZA DE CINCINATO E DE MUITOS CIDADÃOS ROMANOS

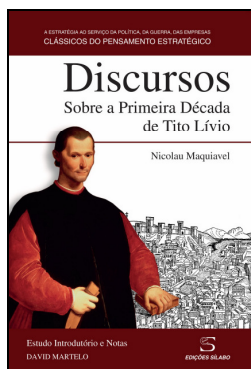
Noutro local¹, afirmámos como a coisa mais útil que se pode instituir num modo de viver livre é assegurar que os cidadãos se mantenham pobres. E, se bem que em Roma não se conheçam quais as leis que produziram este efeito, sobretudo sabendo-se a enorme oposição a que foi submetida a lei agrária, o certo é que, pela experiência, se vê que, depois de decorridos quatrocentos anos sobre a edificação de Roma, existia uma grande e generalizada pobreza. Nem se pode crer que outra lei superior produzisse esse efeito, uma vez que a pobreza não constituía impedimento para ascender aos mais altos cargos ou para ser objecto de qualquer honraria e se ia ao encontro da virtude, fosse qual fosse a casa onde habitasse quem a possuía, pelo que um tal modo de vida tornava menos desejável a obtenção de riquezas. E que era assim, provam-no diversos exemplos. Estando o Cônsul Minúcio² com o seu exército a ser assediado pelos Équos, encheu-se de medo toda a Roma perante a eventualidade daquele exército se perder. Tanto assim que decidiram designar um Ditador, último remédio a que recorriam nas suas aflições. E assim nomearam Lúcio Quíncio Cincinato, o qual, então, se encontrava na sua pequena propriedade rural, que ele trabalhava com as próprias mãos, circunstância que Tito Lívio enalteceu com palavras de ouro, dizendo: «*Operae pretium est audire, qui omnia prae divitiis humana spernunt, neque honori magno locum, neque virtuti putant esse, nisi effusae affluant opes*»³. Cincinato arava a sua pequena propriedade, a qual não ultrapassava as quatro jeiras de terra, quando de Roma vieram os Legados do Senado a comunicar-lhe a eleição da sua ditadura e a mostrar-lhe em que perigo se encontrava a República romana. Tendo vestido a sua toga, veio para Roma e mandou organizar um exército que encarregou de libertar Minúcio. E tendo derrotado e despojado os inimigos e libertado o exército sitiado, não consentiu que esse exército fosse beneficiado na divisão dos despojos, dizendo estas palavras: não quero que partilhem dos despojos daqueles de quem estiveram para ser presa. Depois, privou Minúcio do consulado e fê-lo Legado, dizendo-lhe: estarás neste cargo o tempo que for preciso para aprenderes a ser Cônsul. A Lúcio Tarquínio nomeou-o comandante da cavalaria, o qual, dada a sua pobreza, militava a pé. Notam-se, conforme dissemos, as honras que em Roma se prestavam à pobreza e como a um homem bom e valente, como era Cincinato, quatro jeiras de terra lhe bastavam para o seu sustento. Vê-se como essa pobreza era ainda marcante no tempo de Marco Régulo, porque, estando em África com os exércitos, pediu permissão ao Senado para poder voltar a cuidar da sua quinta, a qual tinha sido arruinada pelos seus trabalhadores. Onde se vêem duas coisas notabilíssimas: uma, a pobreza, na qual se sentiam satisfeitos, e como era bastante, para aqueles cidadãos, tirar da guerra as devidas honras, deixando todo o lucro material para o erário público, porque, se pensassem em enriquecer com as guerras, não se importariam com o facto de os seus campos estarem mal tratados; a outra é considerar o espírito generoso daqueles cidadãos, os quais, colocados à cabeça de um exército, sentiam que o seu ânimo se alcandorava acima de qualquer outro poder, não tendo de sujeitar-se aos desígnios de um rei nem de uma república. Enquanto cumpriam a missão que lhes haviam confiado, nenhuma coisa os espantava ou assustava. Finda aquela e regressando à sua condição de cidadãos privados, tornavam-se parcos, humildes, curadores das suas pequenas propriedades, obedientes aos magistrados, reverentes para com os superiores, de tal modo que hoje nos parece impossível que num mesmo homem se produzisse tamanha modificação.

¹ L. I, cap. XXXVII.

² Lúcio Minúcio, Cônsul em 458 a.C.

³ *Que ouçam, agora, aqueles que veneram as riquezas acima de qualquer outra coisa humana e crêem que não possa haver honra nem virtude onde não abunde o património.*

O culto desta pobreza durou até aos tempos de Paulo Emílio, que foram quase os últimos tempos felizes daquela República, em que um cidadão que, com os seus triunfos enriqueceu Roma, mesmo assim permaneceu pobre. E em tão grande conta se tinha ainda a pobreza que Paulo, ao premiar quem se havia distinguido na guerra, deu a um seu genro uma taça de prata, o qual foi o primeiro objecto de prata a entrar na sua casa. Poder-se-ia, alongando o discurso, mostrar como a pobreza produz melhores frutos do que a riqueza, e como uma honrou a cidade, as províncias e as religiões, enquanto a outra as arruinou, se não fosse a circunstância desta matéria já ter sido por muitos outros autores repetidas vezes tratada.



Livro III - Capítulo XXV de

Tradução de David Martelo